Uma transição rumo ao futuro

Projeções apontam um crescimento do PIB brasileiro entre 2,8% e 3,8%. Nos dois cenários, a construção crescerá mais que o país

O BALANÇO econômico de 2008 mostra uma determinada capacidade de resistência da economia brasileira com relação à crise internacional. A despeito das incertezas que se agravaram a partir de setembro, o ano deverá se encerrar com resultados bastante positivos. A taxa de crescimento do PIB deverá ser de 5,2%, o que implica chegar uma renda nacional de R$ 2,8 trilhões. O investimento produtivo avançou ainda mais: o crescimento da formação bruta de capital fixo será algo próximo a 10%, chegando a 18,7% do PIB. Com esses números, este será o terceiro ano sucessivo de alta da taxa de investimento do país, o que garante a expansão da capacidade produtiva e sustenta o crescimento de longo prazo.

Ao aumento da produção e do emprego, seguiu-se uma expansão da demanda. Além do aumento dos investimentos, 2008 também foi um ano bastante positivo para o consumo privado, cuja expansão real deverá superar 6%. Os gastos públicos contribuíram com o forte ritmo da demanda interna, crescendo aproximadamente 5% em termos reais. O valor das exportações brasileiras em moeda nacional deverá avançar mais de 5%. No entanto, o forte aquecimento da demanda interna gerou forte estímulo às importações durante quase todo o ano, o que deve resultar em crescimento de mais de 16% do seu valor em reais.

Ritmo mais lento

No início de 2007, **Conjuntura da Construção** identificou corretamente um cenário "chinês" para a o setor. O mesmo se repetiu com relação a 2008, estimava-se um crescimento "entre 10% e 14%", no qual o investimento de uma forma geral – das famílias, governo e empresas – seria um elemento determinante desse desempenho. Embora os números mais atualizados ainda se refiram ao terceiro trimestre, há fortes elementos que apontam para um crescimento para a construção de cerca de 10% neste ano. Isso significa que em 2008 a cadeia da construção viveu o período de maior aquecimento dos últimos cinco anos. Trata-se de um ciclo de crescimento acumulado desde 2004 que atingirá 34% em termos reais – em outras palavras, 8 pontos percentuais acima do PIB brasileiro.

O crédito, elemento determinante para o setor, foi ofertado às empresas e às famílias de forma abundante e em condições bastante favoráveis, caracterizando-se mesmo como o motor do processo de expansão. Esse ritmo frenético, essencialmente positivo, trouxe consigo uma série de contratempos ao logo da cadeia produtiva. As principais questões que afligiram os empresários ao longo do ano foram as incertezas quanto à disponibilidade dos insumos – tanto a capacidade de oferta da indústria de materiais como o contingente de mão-de-obra qualificada disponível no mercado – e o decorrente aumento dos custos de produção.

A dinâmica virtuosa da cadeia produtiva se alterou consideravelmente no último trimestre, com o agravamento da crise mundial, o que teve reflexos notáveis sobre as expectativas e o humor no meio empresarial. A última Sondagem da Construção, realizada em novembro, detectou claramente essa mudança (*ver artigo na pág. 19*). Deterioração semelhante de perspectivas foi observada entre os empresários da indústria de materiais de construção – e pesquisas mostram que o consumidor também está mais cauteloso.

Para a construção, essa deterioração de ambiente sinaliza uma mudança importante nos próximos meses em relação a 2008: o volume de investimento irá se reduzir, o que terá reflexos no ritmo de crescimento do país. Mas há muitas razões para antever um cenário não tão ruim para o setor. Em primeiro lugar, há que considerar as fontes de recursos. O orçamento de 2009 do FGTS não será afetado pela crise. Os depósitos em caderneta de poupança podem até crescer em um cenário de maior instabilidade dos mercados de renda variável. O BNDES deve garantir uma parte importante dos investimentos em infra-estrutura. Além disso, a queda da demanda e a recente mudança do patamar da taxa de câmbio possibilitará um 2009 com menores pressões inflacionárias na construção civil (*ver artigo na pág. 13*). E, por fim, o governo federal e governos estaduais mostraram sólidas intenções de adotar políticas anticíclicas em 2009.

Ajuste mundial

Não dúvida de que 2009 será de ajuste para os países desenvolvidos. Os Estados Unidos devem registrar recessão também em 2009, em razão da forte retração dos investimentos em habitação ocasionada pela quedas dos preços dos ativos imobiliários. Vale mencionar que essa redução de preços – a qual chegou a 45% em algumas regiões da costa leste – foi mais contundente na crise do subprime que a própria inadimplência das famílias – que, na média, não chegou a 5%.

A crise, no entanto, se espalhou por vários setores da economia. É importante notar que os Estados Unidos são a maior e mais dinâmica economia do mundo, com

ritmo bastante elevado de crescimento da produtividade. Além disso, há expectativas de que ajuste do novo governo evitará uma crise financeira mais profunda, com uma recuperação gradual das expectativas. Por esse motivo, é provável uma recuperação sustentada a partir do terceiro ou quarto trimestres de 2009.

A Europa, também entrará em um processo de redução acentuada do ritmo de crescimento em razão da retração dos investimentos em habitação. Os países europeus mais afetados pela crise financeira global são justamente aqueles que tinham nos investimentos habitacionais uma parcela expressiva da formação bruta de capital: Islândia, Irlanda, Portugal, Espanha e Alemanha. Em todos esses países a média dos investimentos habitacionais chegou a representar mais de 25% da formação bruta de capital no período 1995 a 2005.

Em Portugal, por exemplo, os investimentos habitacionais atingiram em 2005 mais de 50% da formação bruta de capital. Embora muito dessas inversões tenha sido em imóveis de veraneio, a elevação do capital habitacional contribuiu com quase a metade do crescimento econômico observado nesse período. Na Espanha, o investimento habitacional elevou-se cerca de três vezes no período de 1985 a 2005, com impacto também bastante significativo sobre o crescimento. Mas o caso da Irlanda é provavelmente o que melhor ilustra essa dinâmica positiva entre o investimento em habitação e o crescimento: entre 1995 e 2005, o capital habitacional do país elevou-se mais de 5 vezes. A taxa média de crescimento econômico foi de 7,5%, com uma contribuição do investimento habitacional superior a 16%.

A crise financeira reduziu o preço dos ativos e o volume de crédito e, conseqüentemente, o ritmo de investimentos. A redução do ritmo de crescimento das atividades será mais intensa na Europa, pois além da crise existe o componente esgotamento da demanda, em razão da falta de dinamismo de alguns de seus países. Os países europeus deverão percorrer


André Michelin

O modelo de cenários da **FGV Projetos** estima um crescimento mundial de no mínimo 1,5% em 2009

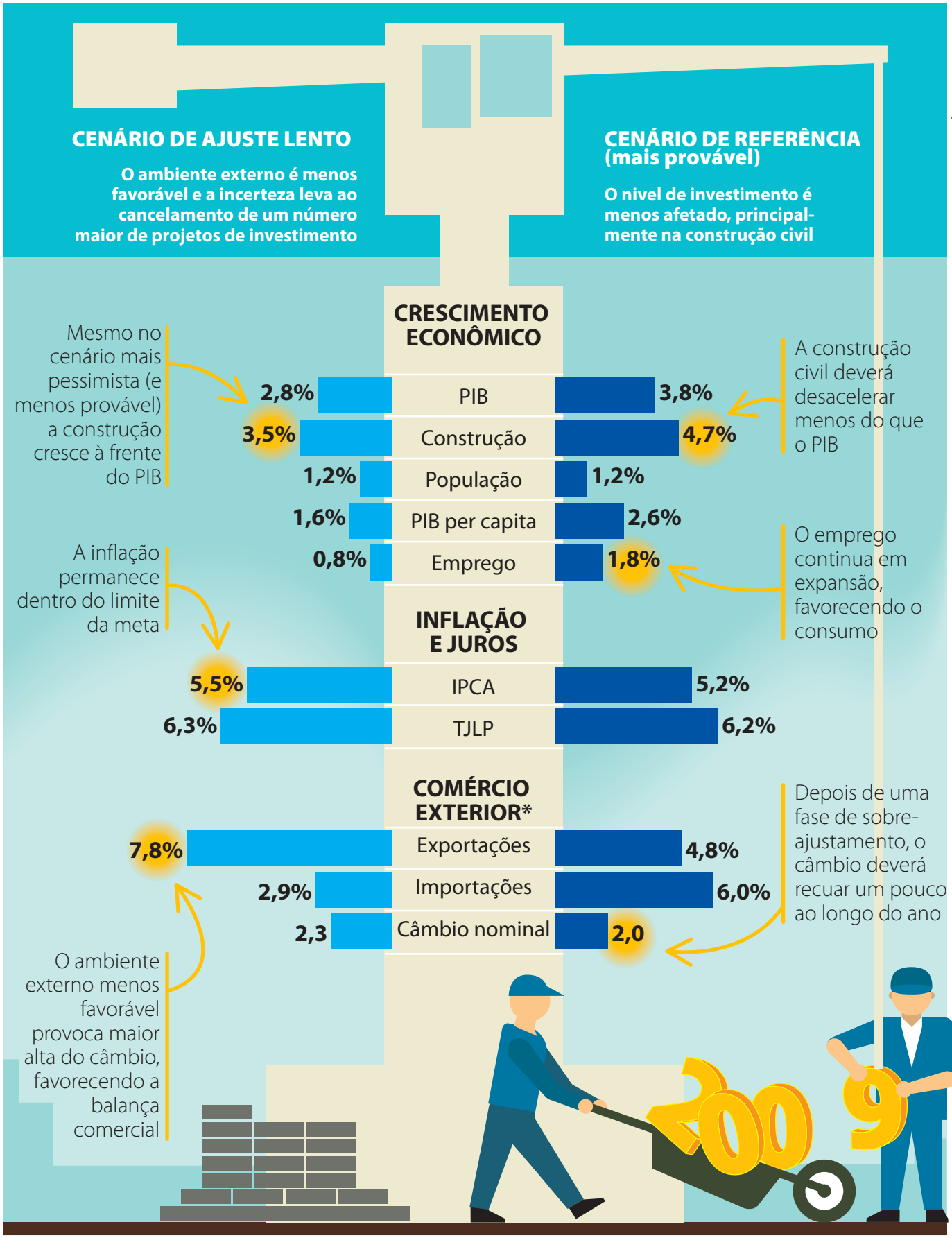
um período maior de ajuste, que deve se prolongar ao longo de 2009. Quando se recuperar, o continente deverá voltar a crescer abaixo de 2% ao ano nos próximos dez anos.

A magnitude da desaceleração econômica mundial é outro ponto fundamental do cenário para 2009. A chamada "recessão global" está fora de pauta desde o anúncio e o início de implantação dos pacotes financeiros de combate à crise. Esses pacotes têm algum efeito direto sobre a liquidez, mas levam algum tempo para reverter o quadro negativo das expectativas. De qualquer forma, deve-se evitar o risco de superestimar o quanto uma crise financeira dessa magnitude pode afetar o desempenho econômico mundial. Numa perspectiva histórica, a crise da dívida externa dos países em desenvolvimento nos anos 80 representou um imbróglio financeiro em escala global, agravado pelo fato de ter sido antecedido por um período de grande elevação do preço do petróleo e das taxas de juros em todo o mundo, mas não houve recessão global, mas uma forte desaceleração. Para 2009, a perda de ritmo do crescimento deve ser atenuada em razão tanto do desempenho de países emergentes, em especial a China, como das fortes medidas anticíclicas adotadas pelas economias desenvolvidas. O modelo de cenários da **FGV Projetos** estima um crescimento mundial de no mínimo 1,5% em 2009.

O Brasil no mundo

Para avaliar a rota de desenvolvimento da economia brasileira em 2009, a questão mais relevante diz respeito aos impactos da crise externa sobre o cenário macroeconômico. O próximo ano – quanto a isso não há dúvida – deverá ser marcado por um menor ritmo de crescimento do PIB, a inflação estará menos pressionada e a taxa de câmbio estará mais alta. Mas o que pode acontecer efetivamente depende de algumas hipóteses em relação aos investimentos das famílias, governos e empresas. A **FGV Projetos** elaborou dois cenários.

No cenário de referência, o mais provável, o PIB deverá avançar 3,8% no próximo ano e o PIB da construção civil 4,7%. Nesse cenário, a formação bruta de capital fixo irá atingir R$ 557 bilhões, o que trará a taxa de investimento para o patamar de 2007, ou seja,17,9%. No entanto, as maiores contribuições para a desaceleração devem vir especialmente dos gastos com aquisição de máquinas e equipamentos. Com isso a parcela da construção civil no total da formação bruta de capital, atualmente em 40%, deverá chegar a 42%.



Mário Kanno/Multisp

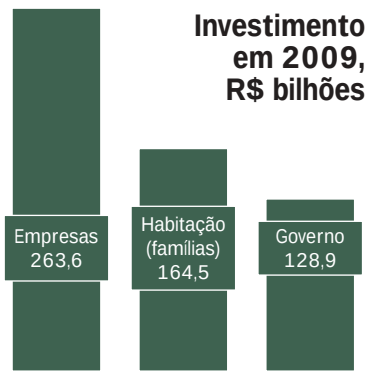


Obra viária na Marginal Tietê, em São Paulo

André Michelin

O IPCA se manterá acima do centro da meta, mas os preços dos materiais de construção, menos afetados pela alta do câmbio, deverão crescer menos, e o INCC poderá fechar com alta de 4,5%. Já o consumo, que cresceu mais de 6% em termos reais em 2008, ainda deverá expandir-se a uma taxa elevada, de 5%. O desempenho do consumo é explicado pelas perspectivas de que o nível de emprego continue crescendo, com melhoras em termos qualitativos, com a geração de mais postos de trabalho com carteira assinada.

No segundo cenário, menos provável, a desaceleração é mais intensa em razão de condições externas menos favoráveis. Nesse contexto, a taxa de crescimento do PIB se reduz mais fortemente, fechando 2009 em 2,8%. Um cenário desse tipo se materializaria com o insucesso dos instrumentos anticíclicos que estão sendo adotados na principais economias, com o prolongamento do período de incertezas e arrefecimento da atividade econômica por um período mais longo.



Fonte: FGV Projetos

O maior desaquecimento da demanda doméstica favorece uma inflação ainda dentro do limite da meta inflacionária, atingindo 5,5%. A construção civil se ressentiria mais que no cenário anterior, mas ainda assim registraria um desempenho superior ao do PIB, com crescimento projetado de 3,5%.

Mas ressalte-se aqui a maior probabilidade de ocorrência do cenário menos pessimista. Além das medidas adotadas pelas economias desenvolvidas e emergentes, no plano interno o engajamento governamental no sentido de que o ímpeto produtivo não perca fôlego é também reflexo das aspirações de uma sociedade que reaprendeu a prosperar. Que o país não perca esse espírito.

(**Fernando Garcia, Ana Castelo, Edney Cielici Dias e Robson Gonçalves**)